

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

ANA PAULA ALMEIDA DA SILVEIRA

INFÂNCIAS DIGITAIS? CONFIGURAÇÕES DO BRINCAR NA ATUALIDADE

NITERÓI

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

ANA PAULA ALMEIDA DA SILVEIRA

INFÂNCIAS DIGITAIS? CONFIGURAÇÕES DO BRINCAR NA ATUALIDADE

Trabalho de conclusão de Curso de Pós-Graduação em Educação, Trabalho e Cultura Profissional: a Multidimensionalidade da Práxis Docente. Professora orientadora Dra. Zuleide Simas Silveira

NITERÓI

2019

FICHA CATALOGRÁFICA

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, Araken e Vilma, pelo exemplo e incentivo. Pelos obstáculos que me ajudaram a vencer. Aos meus filhos, para que sigam meu exemplo, não existe idade para aprender, é preciso se reinventar sempre.

NÃO TE RENDAS (NÃO DESISTA)

*Não te rendas, ainda estás a tempo de alcançar e começar de novo,
aceitar as tuas sombras, enterrar os teus medos, largar o lastro, retomar o voo.*

Não te rendas que a vida é isso, continuar a viagem, perseguir os teus sonhos,

destravar os tempos, arrumar os escombros e destapar o céu.

Não te rendas, por favor, não cedas, ainda que o frio queime,

ainda que o medo morda, ainda que o sol se esconda,

e se cale o vento: ainda há fogo na tua alma

ainda existe vida nos teus sonhos.

Porque a vida é tua, e teu é também o desejo,

porque o quiseste e eu te amo, porque existe o vinho e o amor,

porque não existem feridas que o tempo não cure.

Abrir as portas, tirar os ferrolhos,

abandonar as muralhas que te protegem,

viver a vida e aceitar o desafio, recuperar o riso, ensaiar um canto,

baixar a guarda e estender as mãos, abrir as asas e tentar de novo

celebrar a vida e relançar-se no infinito.

Não te rendas, por favor, não cedas: mesmo que o frio queime,

mesmo que o medo morda,

mesmo que o sol se ponha e se cale o vento,

ainda há fogo na tua alma, ainda existe vida nos teus sonhos.

Porque cada dia é um novo início,

porque esta é a hora e o melhor momento.

Porque não estás só, porque eu te amo.

Mario Benedetti - 2018

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus professores da Pós-Graduação e aos colegas de turma.

Gratidão para a vida!

AMIZADE

*Mais que uma mão estendida
mais que um belo sorriso
mais do que a alegria de dividir
mais do que sonhar os mesmos sonhos
ou doer as mesmas dores
muito mais do que o silêncio que fala
ou da voz que cala, para ouvir
é, a amizade, o alimento
que nos sacia a alma
e nos é ofertado por alguém
que crê em nós.
(autor desconhecido)*

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO

2- TRABALHO E TECNOLOGIA

2.1- Tecnologia como resultado de trabalho

2.2- Fetiche da tecnologia

2.3- O movimento da tecnologia pela sociedade em rede

3- A CRIANÇA

**3.1- O currículo na educação infantil, e a formação da criança como
sujeito social**

3.2- O brincar na infância X tecnologia

3.3- Infância e Políticas Públicas

4- DESAFIOS DO MUNDO NOVO: OS NATIVOS DIGITAIS

4.1 – Empiria das relações, a criança entre o brincar e a tecnologia

4.2 - Tecnologia na infância: é possível impor limites?

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

6- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

RESUMO

A presente pesquisa tem como finalidade analisar a influência do uso das tecnologias e das mídias digitais, no processo do brincar das crianças no século XXI. Para tanto, foi utilizada a pesquisa qualitativa, de cunho exploratório e pesquisa bibliográfica. A pesquisa bibliográfica foi utilizada para retratar conceitos importantes relacionados à tecnologia como trabalho, ao fetiche da tecnologia, à infância, o brincar, à criança, entre outros, ligados à realidade infantil ao longo da história. Além desses conceitos, também foi feito um breve histórico do surgimento e evolução da Educação Infantil até os dias atuais, de como o currículo é importante para a formação do sujeito na infância, as políticas públicas para a Educação Infantil e como os pais podem mediar ou limitar o uso da tecnologia. Através da pesquisa bibliográfica, pôde-se fazer um apanhado de opiniões de diversos autores sobre a tecnologia como impulsionadora da modernidade, seu uso na infância, a importância do brincar para a formação do sujeito e os chamados nativos digitais. Verificou-se também, que é preciso fazer uma reflexão sobre a influência das mídias e das novas tecnologias no desenvolvimento infantil, procurando resgatar, de maneira saudável as brincadeiras antigas e a socialização, para o desenvolvimento da identidade e autonomia da criança.

Palavras-chave: Tecnologia – Brincar – Mídias Digitais – Trabalho e Tecnologia

ABSTRACT

The present research aims to analyze the influence of the use of digital technologies and media in the process of playing children in the 21st century. For that, we used the qualitative research, exploratory and bibliographic research. The bibliographic research was used to portray important concepts related to technology such as work, technology fetish, childhood, play, children, among others, linked to children's reality throughout history. In addition to these concepts, a brief history of the emergence and evolution of Infant Education up to the present day was also made, how the curriculum is important for the formation of the subject in childhood, public policies for Early Childhood Education and how parents can mediate or limit the use of technology. Through the bibliographical research, it was possible to make a survey of the opinions of several authors on technology as a driver of modernity, its use in childhood, the importance of playing for the formation of the subject and the so-called digital natives. It was also verified that it is necessary to reflect on the influence of media and new technologies on child development, trying to rescue, in a healthy way the old jokes and socialization, for the development of the identity and autonomy of the child.

Keywords: Technology - Playing - Digital Media - Work and Technology

1-INTRODUÇÃO

O interesse por investigar este tema nasce da minha preocupação enquanto professora da educação infantil, permitindo-me aprofundar minhas experiências junto às crianças e desenvolver um olhar atento para as suas ações. Nesse contexto, venho percebendo crianças a partir dos 4 anos, ou até mesmo menores, fazendo grande uso de aparelhos tecnológicos e mídias digitais com muita habilidade, porém, não demonstrando autonomia para realizarem tarefas simples e diárias como colocar um sapato ou usar uma colher.

A partir de tal observação, algumas questões me mobilizam: Será esse uso de tecnologias e das mídias digitais excessivo? A tecnologia apresenta benefícios ao processo de desenvolvimento infantil? Até que ponto seu uso indiscriminado pode prejudicar a infância? Quais as consequências podem causar no processo de desenvolvimento do brincar e conseqüentemente outros processos fundamentais do desenvolvimento?

Acredito que o uso indiscriminado dessas tecnologias influencia o processo do brincar, como experiência guia na formação dos sujeitos, como indicado por Prestes (2008) ao traduzir a obra de Vygotsky. As crianças estão deixando de lado brincadeiras tradicionais, com os colegas, para se isolar em um aparelho eletrônico.

Crianças muito pequenas não deveriam ter acesso a mídias digitais. Tal acesso precoce vem sendo analisado especialmente por estudiosos da área da saúde tendo em vista, os efeitos no desenvolvimento afetivo, cognitivo e motor de crianças pequenas. Segundo a psicóloga Clarissa Piccoli Vieira (2018), o uso da tecnologia vem crescendo velozmente e deve ser utilizado de forma consciente, para não causar prejuízos e desequilíbrios emocionais para crianças e adolescentes. A psicóloga recomenda que o tempo de utilização de aparelhos tecnológicos deve ser dosado pelos pais, evitando assim a exclusão digital, muito comum na adolescência. Porém, na era digital em que nos encontramos, os filhos se espelham em seus pais. Nesse sentido, quem deverá dosar esse uso?

Um dos grandes problemas do uso em excesso da tecnologia, é a falta de interação social, levando a quadros depressivos e de exclusão com o passar dos anos. De acordo com a Sociedade Brasileira de Pediatria, deve-se avaliar as consequências e prejuízos do

excesso da tecnologia e mídias digitais no desenvolvimento das crianças na infância. Compreendemos que a formação do sujeito passa pelo brincar e sua importância é fundamental para a sua formação social, cultura e intelectual. Esta é a questão que me mobiliza.

Com o advento da tecnologia por volta do século XVII, começando de forma rudimentar para os dias de hoje, de acordo com a necessidade da época, porém com velocidade acelerada atualmente, percebemos o quanto ela está presente na vida cotidiana, desde o trabalho até o lazer. Vivemos numa sociedade conectada 24 horas por dia, onde num piscar de olhos e teclar de dedos se tem a informação em tempo real.

Essa tecnologia beneficiou em muitos aspectos a humanidade. A máquina substituiu o trabalho manual, trazendo inovações para a vida do homem, foram criados computadores com grande capacidade de armazenamento de dados e a evolução se viu presente também nos meios de comunicação, transportes, educação e medicina.

Seu aspecto negativo se revela no uso excessivo e conseqüentemente promovendo o distanciamento entre as pessoas. Evitar o contato presencial têm sido uma prática não somente da vida cotidiana, mas dos processos formativos, inclusive institucionalizados, quando se ampliam as propostas de educação à distância (EAD). A superficialidade e imediatismo marcam as relações que se estabelecem a partir desta opção formativa. Numa sociedade da (dês)informação, do conteúdo esvaziado, notícias, estudos e relações se pautam nas bases ideológicas defendidas por um sistema que promove cada vez mais a competitividade, a desigualdade, a alienação.

Tomo como hipótese nesta pesquisa que o uso excessivo das mídias digitais e de aparelhos tecnológicos podem causar prejuízo ao brincar tradicional afetando o desenvolvimento sócio-cognitivo-emocional de crianças entre 4 e 5 anos de idade. Sendo assim, tomo como problema investigativo a seguinte questão: De que maneira o uso de mídias digitais e aparelhos tecnológicos afetam o desenvolvimento infantil considerando os aspectos sócio, cognitivos e emocionais?

A presente proposta de investigação se justifica na medida em que se pretende desenvolver um estudo a ser socializado entre educadores – seja em formação inicial ou em exercício –, famílias etc. a fim de contribuir com a formação de crianças pequenas visando seu desenvolvimento integral.

Os objetivos dessa pesquisa são investigar as consequências que o excesso das mídias digitais e aparelhos tecnológicos podem causar ao desenvolvimento integral de crianças, apresentar concepções de infâncias, brincadeiras e desenvolvimento defendidas na pesquisa, mapear tipos de brincadeiras tradicionais conhecidas pelas crianças da faixa etária indicada e observar as brincadeiras mais frequentes entre as crianças partícipes da investigação.

Com a Revolução Industrial, a tecnologia se aprimorou e provocou a substituição do homem pela máquina, e a partir daí seu papel tornou-se crucial para o surgimento das grandes indústrias e desenvolvimento da humanidade. O uso da máquina no lugar do homem facilitou muito o trabalho, a produção industrial e o avanço da tecnologia.

A tecnologia é hoje para o homem, o que a pedra era para o homem das cavernas, um instrumento para facilitar sua relação com uma ação pretendida. Porém, a dependência da tecnologia e mídias sociais transformaram o homem e sua cultura, influenciando a vida cotidiana ao longo dos anos. Em determinados momentos o homem se torna escravo dela, como não conseguir sair de casa sem o celular por exemplo, para não perder nenhum contato telefônico, o que há alguns anos só era possível através de um telefone fixo.

De forma geral, as mídias digitais e a tecnologia auxiliaram o ser humano no dia-a-dia, porém o excesso do seu uso na infância apresenta-se como alerta quando está dada a possibilidade de influência no processo de desenvolvimento sócio-cognitivo-emocional da criança.

Autores como Belloni (1995), acreditam que as novas tecnologias fizeram uma mediação da relação humana com o meio físico e social, transformando olhares, subjetividade e conhecimento; Gamba JR.e Souza (2003) relatam que as chamadas “novas tecnologias” alteraram as formas do brincar no cotidiano, desenvolvendo novos costumes e trazendo novas formas de ler e escrever.

Segundo Prout (2005), a infância foi afetada tanto pelas mudanças sociais e econômicas, quanto pelas novas tecnologias, assim como Bauman (2001), que relata que as mídias e a tecnologia suprimem as habilidades sociais, motivam a preguiça e evitam o diálogo.

De acordo com Dewey (1959), a aprendizagem ocorre quando se estimula o pensamento, o pensar reflexivo, que vinculado ao mundo em que o ser humano vive,

proporciona uma reflexão de mundo mais ampla, para Piaget o início da socialização não tem importância apenas para a inteligência e para o pensamento, mas repercute de forma profundamente na vida afetiva do ser humano.

De acordo com Vygotsky (1998), a criança durante a infância, em seu desenvolvimento, satisfaz suas necessidades no brincar, e conforme vai evoluindo suas necessidades também evoluem, e Winnicott (1975), que escreve que a criança para crescer com saúde e ter um bom relacionamento social e grupal, deve brincar, pois o brincar conduz a esses relacionamentos.

Percebemos assim, a importância do brincar e da ludicidade para o desenvolvimento infantil, como em Borba (2007), onde o brincar é uma atividade que identifica e diversifica o ser humano, cruzando diferentes tempos e espaços, contribuindo para a construção da vida social coletiva.

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), “Infância é o período de crescimento que vai do nascimento à puberdade, ou seja, do zero aos doze anos de idade”, período em que a criança se desenvolve física e emocionalmente, evoluindo gradativamente e adquirindo sua personalidade, para Arroyo (1994), a infância não é uma categoria estática, sempre igual, ela está em permanente desenvolvimento.

Visando uma abordagem qualitativa, compreendo o estudo de caso ideia inicial para pensar o método de pesquisa. Considerarei as fases exploratória necessária à pesquisa de campo bem como o levantamento bibliográfico. Segundo Minayo (2007), o método qualitativo se aplica ao estudo da história e de suas relações e representações das interpretações que os seres humanos fazem de sua própria vida.

Pretendo demonstrar os procedimentos metodológicos, tomando como ponto de partida o objeto dessa pesquisa: crianças entre 4 e 5 anos de idade. Vale lembrar que para garantir a coerência ético-político-metodológica, esta relação com o “objeto” será reconsiderada na medida em que se compreende os sujeitos investigados como também partícipes do processo de investigação. Assim, proponho um levantamento acerca das concepções de infância e suas brincadeiras, apresentadas pelas crianças, e acerca do desenvolvimento destas através da observação da brincadeira e o uso das tecnologias e mídias digitais no desenvolvimento infantil.

De acordo com Velho (1987), o pesquisador deve demarcar sua área de pesquisa e reflexão, destacando a construção da realidade e da cultura, repensando a noção de indivíduo, os dados coletados na pesquisa de campo serão de cunho descritivo com posterior análise interpretativa porque acredito que, assim como afirma Minayo (2007, p.46): “Entrar no campo da Pesquisa Social é penetrar num mundo polêmico onde há questões não resolvidas e onde o debate tem sido perene e não conclusivo”. O caráter inconclusivo da investigação social não invalida a sua rigorosidade metodológica.

2- TRABALHO E TECNOLOGIA

O impacto das novas tecnologias sobre o comportamento humano, vêm trazendo dificuldades no processo de formação do indivíduo e sua relação com o meio. Mas iniciarei falando sobre o impacto da tecnologia no processo da Revolução Industrial até os dias atuais.

O termo revolução transmite a ideia de transformação profunda/modificação. A Revolução Industrial nos trouxe uma grande transformação nos modos de fabricação dos produtos de consumo do ser humano.

A partir dos séculos XVIII e XIX, com a substituição da mão-de-obra braçal/artesanal, pela mão-de-obra assalariada e o uso das máquinas (a tecnologia do momento), a economia mundial se transformou, modificando assim todo um sistema econômico, político e social.

A industrialização e suas novas descobertas tecnológicas, trouxeram um processo mais dinâmico e rápido para a produção. Porém, necessitando de uma mão-de-obra mais qualificada para manuseio das máquinas. Dessa forma, foi necessária uma expansão do processo de educação, para capacitar essa nova classe trabalhadora em suas áreas específicas.

De acordo com Miranda:

“A escola, de natureza diversa da produção, mas não externa a ela, dada a configuração da luta de classes apresenta maior ou menor funcionalidade ao capital naquilo que lhe interessa mais diretamente, a preparação de novos trabalhadores.” (2017, p.188)

O trabalho é uma mediação fundamental no processo de emancipação humana, ele sempre será uma necessidade. Assim, percebe-se que a escola tem papel importante para qualificar essa mão-de-obra, que precisa seguir o ritmo frenético das máquinas, na velocidade das novas tecnologias, como a educação tecnológica defendida por Marx. Nesse período, a educação tinha caráter apenas formativo para o trabalho, não dando ao indivíduo a ideia de educação para o futuro e para o mundo. Com a chegada da Revolução Industrial e a evolução tecnológica, as relações sociais também se transformaram, e o trabalho também passou por transformações.

Hoje, atividades que antes só poderiam ser desenvolvidas pelo ser humano, já foram substituídas pela máquina, como caixas de banco por caixas automáticos, frentistas de postos de gasolina por bombas automatizadas, telefonistas por ligações robotizadas, entre outras. O resultado de tanta evolução tecnológica, é o grande número de desempregados atualmente, mais ou menos 14 milhões, segundo site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Funções que podem ser substituídas pelas máquinas, são mais baratas que a mão-de-obra humana.

“Também de acordo com uma análise feita pela consultoria Ernst & Young, com base em diversos estudos, até 2025 um em cada três postos de trabalho deve ser substituído por tecnologia inteligente. O estudo prevê que, em nove anos, poderá haver extinção de profissões operacionais, como operador de telemarketing, caixa de bancos e mercados e árbitros esportivos(…)” (Revista Poli, julho/agosto, 2018)

Essa reestruturação do mercado de trabalho capitalista, acontece de forma muito rápida, e a cada nova revolução tecnológica, muitos postos de emprego são eliminados, provocando ainda mais a onda do desemprego.

Passamos por diversas revoluções tecnológicas, a primeira no século XVIII, com a máquina a vapor, a segunda entre os séculos XIX e XX, com a descoberta de novas fontes de energia, como petróleo no motor, usinas hidrelétricas e nucleares e a terceira revolução no século XX, com a microeletrônica, segundo especialistas.

Agora chegamos a quarta revolução tecnológica, a chamada Indústria 4.0, que segundo pesquisas, tem como ponto de partida a robótica, a inteligência artificial. Alguns especialistas, como o Professor Doutor em Ciências Biológicas, André Vieira, discordam dessa “quarta revolução”, por achar que ela não é uma nova, mas um processo subordinado as anteriores.

O fato é que o mundo evoluiu em velocidade acelerada, como uma exigência de um mundo capitalista em crise. Alguns estudiosos no Fórum Econômico Mundial, acreditam que essa quarta revolução poderá aumentar a renda global, melhorando a qualidade de vida da população, partindo do princípio de que a produtividade poderá ser aumentada em ambientes automatizados, onde robôs interagem com o ser humano.

Acredito, que com a revolução tecnológica e a eliminação dos postos de trabalho, a mão-de-obra hoje precária para essa atividade, deverá tomar novos rumos como já

dissemos anteriormente com relação a capacitação, pois novas carreiras surgirão, como designers gráficos, especializados em impressão 3D, designers de realidade virtual ou especialistas em TI (Tecnologias da Informação).

A tecnologia não substituirá o homem por completo, pois as relações humanas não se substituem, assim como as profissões de médicos, psicólogos e professores, pois são relações que nenhuma máquina poderá superar. Mas falaremos mais sobre o professor ser insubstituível.

Atualmente, em determinados momentos, os professores estão sendo “ameaçados” de substituição pela tecnologia. Há alguns anos, havia aulas de telecurso, onde um professor dava aula pela TV para milhares de pessoas, excluindo um grande número de professores, pois uma aula gravada atingia milhares de pessoas. Hoje, com o avanço tecnológico, temos a EAD (Educação a Distância), um processo formativo, institucionalizado, que é marcado pela superficialidade e imediatismo deste tipo de formação muito comum nas universidades privadas.

A EAD surge na década de 50 nos Estados Unidos e na Rússia, por conta das nevascas, que impediam a movimentação nas ruas e a população não poderia sair de casa, para dar conta da educação nesse momento, manifestou-se mais tarde no Brasil.

De forma geral, uma sociedade da (dês)informação, do conteúdo esvaziado, notícias, estudos e relações que se pautam nas bases ideológicas defendidas por um sistema que promove cada vez mais a competitividade, a desigualdade e a alienação.

Nesse cenário, o professor não tem mais a autonomia que possuía, “(...) a condição de trabalhador que desempenha uma função predominantemente intelectual, em qualquer profissão, não é autônoma na sociedade de classes.”, segundo Miranda, p.92, e também:

“O professor não planeja e executa seu trabalho de forma livre. Há limites para tal. Portanto, cabe discutir quais são as condições de planejamento e execução das propostas pedagógicas. A questão que se coloca é: qual seria o limite dessa liberdade?” (MIRANDA, p.93, 2017)

Mas existe liberdade com a atual sociedade tecnológica? Esse é um ponto importante a ser abordado. Sabemos que na Era Digital, não é muito fácil ocultar fatos, fotos, números, nomes, informações, enfim, dessa forma o professor não teria mais sua completa autonomia, poderia ser vigiado por câmeras em sua sala de aula. Há estudos que

se esforçam em reproduzir características humanas, produzindo uma inteligência artificial, capaz de cumprir uma determinada missão e corrigir possíveis erros do processo, segundo o professor Sergio Amadeu, da universidade do ABC (Revista Poli, julho/agosto, p.8, 2018).

Mas como dito anteriormente, a máquina não conseguirá substituir as relações humanas, devido sua sensibilidade e subjetividade. De acordo com o sociólogo Ricardo Antunes, esse é um alerta, ele acredita que a automação não é uma substituição do trabalho humano, mas uma precarização dele:

“Temos uma indústria mais limpa, informacional digital, mas a questão fundamental é sabermos o que vai se passar com essa classe trabalhadora que vai se tornar ainda mais supérflua e percebermos que as consequências são desiguais entre o Norte e o Sul do mundo.” (ANTUNES,2018- Revista Poli, p.9)

A tecnologia sem dúvidas facilitou a vida do ser humano, mas há de se ter cuidado para que não se acredite que ela veio para salvar a sociedade capitalista em crise. Ao mesmo tempo em que facilitou a vida cotidiana, também prejudicou um enorme grupo de trabalhadores, substituídos por ela e que devem agora, ou procurar capacitação para se recolocarem no mercado de trabalho, ou aceitar subempregos, mesmo que em situações precarizadas.

“Não há como negar. Sempre que o capitalismo puder eliminar um trabalho vivo e substituí-lo por um trabalho morto, ou seja, por maquinaria, tecnologia, ele vai fazer. O trabalho morto, máquinas, equipamentos não se rebelam, não fazem greve, não ficam descontentes. Mas essa tendência forte tem limite. Esse avanço não pode chegar à extinção capital do trabalho, é uma impossibilidade ontológica e não só no capitalismo. Se um dia chegarmos a uma sociedade fundada num novo sistema de metabolismo social, onde o trabalho seja autônomo, livre, social, coletivo, onde a qualidade humana seja preservada, as reais necessidades das relações individuais sejam conectadas com necessidades coletivas, os que fazem e os que concedem vão desaparecer” (Revista Poli, p.10. 2018)

Mas não é do interesse do capitalismo que as coisas aconteçam dessa forma. Segundo Antunes, o grande vilão da precarização dos postos de trabalho seria o capital financeiro (capital bancário – dinheiro – e capital produtivo – investimentos, força de trabalho), que ganham milhões em dinheiro, enquanto milhões estão desempregados.

Há de se ter foco em ações que possam evitar as demissões em massa e a construção de uma força de trabalho com habilidades futuras, segundo medidas apresentadas no Fórum Econômico Mundial, onde Jennifer Artley, President, Americas, BT Group, diz:

“Os avanços do início do século XX pareciam promissores, mas o progresso digital exponencial das últimas décadas pode causar preocupação. Isso se deve em parte à falta de conhecimento, pois às vezes temos medo do que não entendemos, mas também ao custo muito concreto e significativo em termos de trabalho humano. Nos EUA, por exemplo, houve uma queda na força de trabalho na indústria do país, de 16% em 1996 para 8% em 2016. Foi uma redução marcante. São poucos os que não se preocupam, mas não há motivo para desespero. O progresso traz benefícios – mas, para concretizá-los, precisamos nos preparar.” (2018)

Devemos além de nos preparar, preparar as gerações futuras, para que tenham cuidado em sua utilização, já que são e serão considerados os Nascidos Digitais. Esses nascidos depois de 1980, que possuem habilidades em tecnologia e a utilizam com muita naturalidade.

No trecho abaixo, segundo Palfrey, estamos em uma encruzilhada, e devemos refletir sobre esse cenário:

“Os Nativos Digitais vão mover os mercados e transformar indústrias, a educação e a política global. Estas mudanças podem ter um efeito imensamente positivo no mundo em que vivemos. De modo geral, a revolução digital já tornou este mundo um lugar melhor. E os Nativos Digitais têm todo o potencial e capacidade para impulsionar muito mais a sociedade, de um sem número de maneiras – se deixarmos. Mas não se engane: estamos em uma encruzilhada. Há dois caminhos possíveis diante de nós: um em que destruímos o que é ótimo na *internet* e na maneira como os jovens a utilizam, e outro em que fazemos escolhas inteligentes e nos encaminhamos para um futuro brilhante em uma era digital. As apostas das nossas ações de hoje são muito altas. As escolhas que estamos fazendo agora vão reger a maneira como nossos filhos e netos vão viver em incontáveis maneiras importantes: a maneira como vão moldar sua identidade, proteger sua privacidade e se manter em segurança; a maneira de criarem, entenderem e moldarem as informações que constituem a base da tomada de decisão de sua geração e a maneira como eles vão aprender, inovar e assumir responsabilidades como cidadãos.”(p.17, 2011)

2.1-Tecnologia como resultado de trabalho

O que caracteriza o mundo do trabalho no fim de século XX, quando se anuncia o século XXI, é que ele se tornou realmente global. Na mesma escala em que se dá a globalização do capitalismo, verifica-se a globalização do mundo do trabalho. (IANNI, p.123, 2004)

A tecnologia exerceu papel fundamental no panorama pessoal e dos negócios, na forma do trabalho e da vida de muitas pessoas. O avanço tecnológico trouxe muitas inovações para diversos setores, e podemos observar as mudanças claramente se compararmos por exemplo alguns tipos de serviços como o crescente número de caixas eletrônicos de bancos e o menor número de funcionários por agências bancárias.

Não se pode negar que a inteligência artificial pode afetar o mercado de trabalho e a vida do ser humano de forma geral nos próximos anos, causando grande impacto sobre a sociedade.

Há quem acredite que as máquinas substituirão os homens em suas funções, por serem mais ágeis e não necessitarem de remuneração, podendo ser substituídas facilmente quando apresentarem algum problema técnico. De forma ampla e geral, a máquina pode substituir o trabalho de milhões de trabalhadores, porém novas funções são e serão criadas, gerando novos postos de trabalhos a partir do crescimento da tecnologia.

Sem o trabalho, não é possível o desenvolvimento humano, e ele se faz presente o tempo todo nas nossas relações, na nossa vida, na forma de interagir com o outro. O trabalho é uma mediação fundamental no processo de emancipação humana, e será sempre uma necessidade nas nossas relações.

A utilização da máquina como forma de potencializar o trabalho humano, segundo Marx (p.426), revolucionou a produção no século XVIII, tirando das mãos do homem a produção, pois o mecanismo desenvolvido era capaz de realizar com mais agilidade, rapidez e sem as limitações do trabalho braçal.

Segundo Marx:

A máquina ferramenta é portanto um mecanismo que, ao lhe ser transmitido o movimento apropriado, realiza com suas ferramentas as mesmas operações que eram antes realizadas pelo trabalhador com ferramentas semelhantes. Provenha a força motriz do homem ou de outra máquina, a coisa não muda em sua essência. Quando a ferramenta propriamente dita se transfere do homem

para um mecanismo, a máquina toma o lugar da simples ferramenta. (MARX, C, I p.426)

Estamos no que chamamos hoje de a quarta revolução industrial, e a transformação do trabalho vem acontecendo desde a primeira, porém numa velocidade muito maior, o que exige do trabalhador uma mudança de pensamento e nova qualificação, para que possa se adequar ao novo mercado de trabalho, que exigirá novas qualificações.

Seguindo o pensamento de Ianni, percebemos claramente o processo de desenvolvimento da tecnologia na sociedade:

O desenvolvimento do modo capitalista de produção, em forma extensiva e intensiva, adquire outro impulso, com base em novas tecnologias, criação de novos produtos, recriação da divisão internacional do trabalho, e mundialização dos mercados. As forças produtivas básicas, compreendendo o capital, a tecnologia, a força de trabalho e a divisão transnacional do trabalho, ultrapassam fronteiras geográficas, históricas e culturais, multiplicando-se assim as suas formas de articulação e contradição. Esse é um processo simultaneamente civilizatório, já que desafia, rompe, subordina, mutila, destrói ou recria outras formas sociais de vida e trabalho, compreendendo modos de ser, pensar, agir, sentir e imaginar. (p.13)

Mas de forma positiva, a tecnologia tem transformado e tornado o dia a dia do homem mais eficiente, proporcionando oportunidades para facilitar atividades, comunicação, capacitação e produtividade. Ela trouxe inúmeras ferramentas que podem atender a muitas pessoas e seus objetivos.

2.2-Fetiche da tecnologia

Segundo dicionário Aurélio, *fetich* é “objeto a que é prestada adoração ou que é considerado como tendo poderes sobrenaturais. Objeto, parte do corpo ou tipo de comportamento que provoca excitação sexual.” Para Marx, em sua obra O Capital, ele chama de *fetichismo*:

(...)os produtos do cérebro humano parecem dotados de vida própria, como figuras independentes que travam relações umas com as outras e com os homens. Assim se apresentam, no mundo das mercadorias, os produtos da mão humana.” (p.122)

Com a aceleração dos meios de produção, o trabalhador não domina mais as etapas da produção, não se reconhecendo no produto produzido, enfatizando cada vez mais a alienação no trabalho, outro conceito de Marx, “a falta de contato e o estranhamento que o trabalhador tinha com o produto que produzia”.

O homem através do seu trabalho, altera a matéria e a transforma em mercadoria, que é a célula fundamental do capitalismo, que por sua vez tem necessidade de alavancar a circulação da mercadoria e a realização do valor, e a ideologia por trás desse sistema vai produzir o fetiche do consumo, a necessidade do consumo que o ser humano tem.

Colabora Silveira (2011):

As necessidades humanas, além de determinadas pela necessidade de sobreviver e reproduzir-se, são criadas e satisfeitas de acordo com outras variáveis, segundo o perfil próprio de cada *tecnosfera*: da inanição à luxúria do supérfluo, as necessidades humanas são produzidas segundo critérios de classes e por outras determinações sociais, não-classistas, como nacionalidade e espaço demográfico, religião, cor, gênero e idade. (p.48)

A produção da mercadoria ganha status autônomo em relação à vontade humana, pois passa-se a produzir com o objetivo além da necessidade humana, mas, para satisfação do valor e dos interesses do capital. O homem passou a produzir muito mais do que precisa.

O fetiche e a adoração por aparelhos eletrônicos e outros objetos tecnológicos, tomaram proporções avassaladoras, desconsiderando o caráter social do trabalho. Dando-se menos importância em que situações ou condições foram necessárias para que determinada mercadoria pudesse ser produzida, como por exemplo, o trabalho escravo, e dando mais importância a relação entre as “coisas”.

Estamos vivendo uma inversão de valores, onde o objeto produzido vira sujeito, e o sujeito, que pensa e que trabalha na criação do objeto, passa a ser subordinado a ele, o que Marx denomina “coisificação” ou reificação, as relações sociais passam a ser coisificadas. Devemos entender que os objetos são produzidos por relações sociais e não de maneira fetichista ou fantasmagórica, para compreender o grau de alienação que estamos vivendo em nossa sociedade.

O que corrobora Guareschi (2005):

Esse é o contexto que leva o ouvinte, telespectador, a ficar mais ou menos indefeso diante das forças predominantes da sociedade. Fica preparado e treinado para transformar o consumismo em exercício efetivo da cidadania. Toma muito do que é a realidade virtual como se fosse experiência, vivência ou existência, deleitando-se ou imaginando-se no exercício da práxis imaginária. (p.56-57)

Nesse sentido, o fetiche dos aparelhos tecnológicos e sua utilização pela população, inclusive dos mais novos, ainda na infância, sem nenhum critério de uso estabelecido, modificou completamente o modo como as pessoas se relacionam, interferindo diretamente nas relações sociais como um todo e em suas vivências e experiências.

2.3-O movimento da tecnologia pela sociedade em rede

Diz Macedo:

A sociedade da informação como a sua sucessora, a sociedade em rede, tiveram sua origem na sociedade capitalista pós-industrial e surgiram no final do século XX no contexto da era da informação e juntamente com elas a expressão “*globalização*”, que se assenta na visão da economia interligada em escala mundial, possibilitada por inovações tecnológicas como o microprocessador, a comunicação por satélites, a rede mundial de computadores(internet), a fibra ótica etc. (MACEDO,2019)

A sociedade em rede é um processo histórico conhecido como “*globalização*”, que permite a interação de pessoas em qualquer lugar do mundo por meio de computadores, aparelhos eletrônicos como tablets e celulares, compartilhar informações e conhecimentos de todas as áreas, minimizando o tempo e transformando as relações humanas.

Existem muitas vantagens na sociedade em rede, trazidas pela tecnologia para a vida cotidiana, facilitando diversas atividades, inclusive para a educação, como a flexibilização da aprendizagem, a troca de informações , a comunicação síncrona ou assíncrona entre as pessoas, porém existem desvantagens desse avalanche de informações, como por exemplo o acesso a informações de fontes duvidosas ou desatualizadas, o que chamamos hoje de “*Fake News*”, as notícias falsas ou fabricadas, a

perda do contato pessoal, que pode ser um agravante para a sociedade moderna, que vem se tornando uma escrava da tecnologia.

Esse movimento da tecnologia, que conecta a sociedade organizada em nível mundial, trata de forma única e conjunta assuntos de interesse global, como segurança, saúde, educação, meio ambiente, economia, entre outros. Existe um amplo acesso às informações, que proporcionam uma interlocução à sociedade para trocas e discussões na formação de opinião, no exercício da cidadania.

A sociedade em movimento, é o tipo de sociedade capitalista existente, denominada por Castells (1999), como uma sociedade sem rosto, que são ligados pelo fluxo de informações virtuais, mas não tem identificação pessoal, assim como nas redes sociais.

A questão fundamental é que esse novo espaço público, o espaço em rede, situado entre os espaços digital e urbano, é um espaço de comunicação autônoma. A autonomia da comunicação é a essência dos movimentos sociais, ao permitir que o movimento se forme e ao possibilitar que ele se relacione com a sociedade em geral, para além do controle dos detentores do poder sobre o poder da comunicação. (p.23)

A movimentação desse novo espaço virtual, a mídia, cria essa autonomia, que impulsiona cada vez mais a sociedade para o “fetichismo” desenfreado, tornando-a o ar que respiramos, se compararmos com a sociedade de 40 ou 50 anos atrás. Atualmente, raríssimos são os casos de quem não tenha uma relação mais próxima com a mídia. De uma forma ou de outra, todos estão conectados por uma rede social.

A mídia constrói a realidade hoje, dizendo o que é bom e o que é ruim, o que tem valor ou não, tudo o que está na mídia por si só é tido como verdadeiro, e a nossa rotina passa a ser pautada por temas e assuntos que estão em discussão nas redes sociais.

O ser humano é resultado das relações que estabelecemos no decorrer da vida, mas hoje, a tecnologia se faz mais presente e parte dessa relação. Em média passamos mais tempo conectados ao celular do que conversando pessoalmente com um familiar ou colega. E essas mudanças estão sendo cada vez mais observadas, trazendo profundas mudanças nas relações pessoais do ser humano e modificando dimensões como distância, tempo e espaço. De acordo com Cardoso, 2005, “É provável que a noção de tempo tenha sido percebida pelos seres humanos antes da de tempo. (...) Sendo assim, pode parecer

assombroso que, na filosofia ocidental, desde Leibnitz a noção de tempo tenha tomado a dianteira do espaço.”

As distâncias encurtaram, conversamos em tempo real com alguém do outro lado do mundo, através de um novo espaço, o ciberespaço, que modifica também a noção de tempo para cada um. O momento das cartas via correio já quase não existe mais, documentos podem ser scaneados e enviados via e-mail, notícias mundiais chegam a todo instante por jornais virtuais.

Com o liberalismo e a exigência da produtividade, o capital tem a necessidade de compressão do espaço/tempo, e comprimiu o espaço da escola, num determinado lugar onde o trabalhador não é a classe dominante e pode ter acesso a internet, e o tempo que é cada vez mais encurtado, desejando respostas cada vez mais rápidas.

Outro movimento que a sociedade em rede não pode deixar de lado, segundo Cardoso (2005), é o registro escrito e erudito da linguagem, que ameaçam um futuro imediato. São três os processos ameaçadores na visão do autor: o primeiro diz respeito a competição da leitura e da escrita com as novas tecnologias, dando acesso à informação sem que praticamente seja preciso ler; o segundo é a crise da escola tradicional, que não consegue responder aos desafios e competição do século XX, e por último, o terceiro, a abertura progressiva da educação a uma parcela cada vez maior da população, mas não mantendo a qualidade necessária.

Colaborando com essa ideia, Candido (1988, p.169), diz “(...) podemos dizer que os mesmos meios que permitem o progresso podem provocar a degradação da maioria.”. A internet surge com uma dimensão muito positiva, mas a forma como ela é apropriada por sua dimensão positiva pelo capital, para dar respostas aos resultados e as metas estabelecidas. A que práticas e a quem ela vai servir?

3-A CRIANÇA

3.1- O currículo na educação infantil, e a formação da criança como sujeito

O que é currículo? Qual a sua função? Muito se fala de currículo no meio acadêmico, mas o que é o currículo e para que serve? O currículo é visto como uma forma de escolarização, um conjunto de conteúdos a ser aplicado, mas na realidade é um conjunto de componentes que compõe a própria identidade da instituição escolar, é o caminho a ser percorrido, o trajeto utilizado nas instituições para que as práticas educativas possam se organizar.

O currículo não pode ser pensado exclusivamente no âmbito escolar, ele tem função social, um projeto educativo que faz a teoria e a ação estarem em consonância. Nesse sentido, o trabalho coletivo e colaborativo de todos os envolvidos dentro e fora da escola (professores, equipe pedagógica, funcionários, crianças e família), é quem põe em prática o currículo na escola. Transformando o ensino de forma a potencializar o desenvolvimento integral de seus alunos, tratando de assuntos como diversidade, particularidades culturais e regionais, inclusão, cidadania, educar/cuidar, além de valorizar os saberes de cada um.

Keith Sawyer (2007), defende a importância da criatividade colaborativa, frente a um discurso de que a criatividade é uma qualidade individual. Para ela a produção e as respostas criativas melhoram através dos processos de experiências de colaboração.

Entendendo assim que o fazer coletivo é fundamental para a elaboração de um currículo diverso, dinâmico e inclusivo, que colabora para o crescimento, desenvolvimento, autonomia e confiança da criança, fazendo dela um sujeito crítico, formador de opinião, sem deixar de ser criança.

Há quem pense que o currículo deva ser neutro e unificado, comum em todos os níveis. Mas não se pode pensar dessa forma, pois trata-se de uma construção social, coletiva, devendo ser levado em conta sua individualidade, conhecimento e cultura dentro do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, que é o instrumento utilizado pela comunidade escolar como proposta educacional para o desenvolvimento do trabalho coletivo e execução dos objetivos estabelecidos.

A instauração dos Parâmetros Curriculares Nacionais-PCN (1997), colocou em questão uma unificação do currículo, uma forma de fazê-lo engessado. Estudos ao longo da história da educação no Brasil deixam clara sua problematização perante sua rigidez e conservadorismo nos textos oficiais, segundo Xavier (2009).

O ideal, mais indicado é que o currículo seja planejado de acordo com as experiências vividas dentro da sala de aula, entre professor/aluno/escola/comunidade, que seja flexível e sempre em construção, pois o currículo deve ter movimento, a partir de seus campos de experiência, como forma de adequação das políticas públicas para a efetivação da inclusão educacional, pois as experiências mudam constantemente, assim como os alunos e profissionais da escola.

O ambiente escolar nos convida a discussão da melhor forma de pensar o currículo e sus reformas, analisando as perspectivas que envolvem diferentes sujeitos e diferentes práticas, como diz Xavier (2009):

“As reformas curriculares produzidas ao longo das duas últimas décadas implicam mudanças de significados e sentidos das práticas de pensar-escolher e agir no âmbito dos sistemas de ensino e o texto curricular concentra muitas dessas determinações, associando controle e regulação a flexibilização e dispersão das medidas.”

Dessa forma a flexibilização, nos permite trazer para a prática um currículo de qualidade, dinâmico e inclusivo, muito importante no processo de socialização e construção de novos significados, deixando de ser uma forma engessada e niveladora de conhecimento. Ou seja, por ser flexível, ele sustenta a ideia de um trabalho pedagógico participativo e coletivo, onde se pode discutir questões multiculturais.

O currículo é o cerne do processo de construção do projeto político pedagógico da escola, ele orienta o planejamento docente, a metodologia a ser utilizada, a prática pedagógica, a avaliação e as relações entre todos os envolvidos na comunidade escolar. Ele produz identidade aos grupos, na troca de experiências do eu com o outro, na cooperação entre todos, exercendo sua cidadania e dando mais autonomia aos sujeitos partícipes desse processo de desenvolvimento.

Também Martinez Bonafé quando fala das pedagogias críticas dos anos 60 e 70:

“Es un discurso que profundiza en el análisis de la función social de la escolarización, analiza los dispositivos estratégicos de la relación entre educación y poder, y enfatiza las propuestas de cambio global frente a reformas parciales y puntuales.” (1996)

No currículo existe uma relação de poder, pois ele é resultante de debates entre grupos e instituições educacionais ou sociais. O fato de estabelecer e avaliar o que deve ou não fazer parte do currículo demonstra um certo poder, porém, não um poder individual, mas aquele que se constitui como grupo. Segundo Foucault (1999):

“o poder produz saber (e não simplesmente favorecendo-o porque o serve ou aplicando-o porque é útil); que poder e saber estão diretamente implicados; que não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder. Essas relações de “poder-saber” não devem então ser analisadas a partir de um sujeito do conhecimento que seria ou não livre em relação ao sistema do poder; mas é preciso considerar ao contrário que o sujeito que conhece, os objetos a conhecer e as modalidades de conhecimentos são outros tantos efeitos dessas implicações fundamentais do poder-saber e de suas transformações históricas. Resumindo, não é a atividade do sujeito de conhecimento que produziria um saber, útil ou arredo ao poder, mas o poder-saber, os processos e as lutas que o atravessam e que o constituem, que determinam as formas e os campos possíveis do conhecimento.” (p.31)

Essa percepção de Foucault, entrelaça as relações de poder e saber numa perspectiva positiva, pois ela produz um discurso verdadeiro, com vertentes de liberdade, sem associar poder a ideia de dominação, para ele o conhecimento é puro poder, gera valor, porque agrega conhecimento. O poder está em todo lugar, gerando ações e reações nas relações sociais.

Em 1998 foi elaborado um referencial específico para a Educação Infantil, pertencente aos PCNs, onde “constitui-se em um conjunto de referências que visam a contribuir com a implantação ou implementação de práticas educativas de qualidade que possam promover e ampliar as condições necessárias para o exercício da cidadania das crianças brasileiras” (BRASIL, RCNEI, 2002, p. 13).

Esses referenciais abordam a concepção de criança, sua formação pessoal e concepção de mundo, mostrando várias questões como educar, cuidar e brincar, além do

perfil do profissional da Educação Infantil e dos objetivos gerais que devem nortear o trabalho educativo das instituições.

Devemos compreender que o ponto de partida é a criança e que ao dar início ao seu processo de desenvolvimento e crescimento pessoal ela conhece o mundo e produz seu significado envolvendo afeto, prazer, brincadeira, fantasia, música, descobertas e diversas linguagens.

Mas nos façamos algumas perguntas. Todas as crianças são iguais? Todas as escolas são iguais? Existe uma unificação de norte a sul do país? É possível existir um único currículo padrão que possa ser seguido por todos? É preciso que cada instituição de ensino possa traçar o seu currículo, de acordo com suas necessidades e especificidades, planejando e organizando tempos, espaços e materiais que forneçam imaginação, raciocínio e curiosidade às crianças.

É preciso estar no chão da escola para que se possa entender suas necessidades, o que é relevante e o que faz sentido. Reconhecer que as crianças são sujeitos de direitos, produtoras de cultura e que se expressam através de diferentes linguagens e também através da brincadeira, socializando e fortalecendo sua autonomia e confiança.

Assim, pode-se produzir um projeto pedagógico adequado às necessidades de cada instituição de ensino, cabendo não só ao professor, mas a toda equipe pedagógica envolvida no processo educacional das crianças. Além disso, o currículo vai traçar o que diz respeito às características das crianças e da infância e sua representação, como ser social, histórico e cultural.

De acordo com Finco (2015),

“Um trabalho pedagógico flexível em seus diferentes formatos e possibilidades envolve a curiosidade e o interesse das crianças pelo assunto, como também cria condições para as crianças conhecerem, descobrirem e dar novos significados para suas experiências e os seus sentimentos, valorizando as suas ideias e culturas. Assim, pensar a constituição dos conteúdos curriculares para a educação da pequena infância vai muito além da prática de fazer as crianças aprenderem uma lista de conteúdos, por isso, é importante ressaltar que pensar o currículo da Educação Infantil a partir dos campos de experiências resulta sempre da mudança de postura em relação ao processo educativo, aproximando as crianças, o máximo possível, do seu contexto social através do desenvolvimento do senso crítico, da pesquisa e da resolução de problemas.”

Ao pensar o currículo para a Educação Infantil partindo das experiências individuais e coletivas trazidas pelas crianças, possibilita aguçar a sua curiosidade e interesse através de diversos assuntos, gerando novos significados, sentimentos e experiências.

A Educação Infantil deixou de ter um perfil assistencialista, onde os pais deixavam as crianças para trabalhar e passou a ser um espaço de direito da criança, um espaço educativo, adequado a sua idade e necessidades de cada faixa etária, lugar em que a criança é respeitada e valorizada, e sua voz é ouvida, através do diálogo aberto e sensível, com professores qualificados e especializados, que segundo Bonafé (1996), a formação de professores é papel importante para o sucesso desse currículo, com perfil emancipador e não alienador.

Sendo assim, o currículo na Educação Infantil deve ser pensado de forma coletiva, flexível e voltado para a experiência das crianças, definindo os objetivos centrais da infância, a fim de compreender suas peculiaridades e especificidades educativas, proporcionando a elas uma educação crítica e formadora de valores éticos.

3.2- O brincar na infância X tecnologia

Qual foi a sua brincadeira favorita quando era criança? Se você respondeu queimado, amarelinha, esconde-esconde, pique-pega, boneca Susi ou boneco Falcon, entre outros que lembrou, certamente você não nasceu na era digital, e teve uma infância muito divertida. Mas, e se perguntássemos isso a uma criança hoje, em 2019? A resposta seria bem diferente, as brincadeiras não seriam as mesmas, mas sim, Minecraft, Mach of Empires, Candy Crush Saga, entre outros jogos virtuais.

O mais próximo que a geração pré-internet chegou, foi assistir televisão, mas mesmo assim, era um tempo muito curto, pois a programação não era direcionada ao público infantil, como é hoje, totalmente voltada ao consumismo, e brincar na rua ou no quintal com os amigos era muito mais interessante e divertido.

E como mostra o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (2002, p.27):

A brincadeira é uma linguagem infantil que mantém um vínculo essencial com aquilo que é o “não brincar”. Se a brincadeira é uma ação que ocorre no plano da imaginação, isto implica que aquele que brinca tenha o domínio da linguagem simbólica. Isto quer dizer que é preciso haver consciência da diferença existente entre brincadeira e a realidade imediata que lhe forneceu conteúdo para realizar-se. Nesse sentido, para brincar é preciso apropriar-se de elementos da realidade imediata de tal forma a atribuir-lhes novos significados. Essa peculiaridade da brincadeira ocorre por meio da articulação e a imitação da realidade. Toda brincadeira é uma imitação transformada, no plano das emoções e das idéias, de uma realidade anteriormente vivenciada. (...) A brincadeira favorece a autoestima das crianças, auxiliando-as a superar progressivamente suas aquisições de forma criativa. Brincar contribui, assim, para a interiorização de determinados modelos de adulto, no âmbito de grupos sociais diversos. Essas significações atribuídas ao brincar transformam-no em um espaço singular de constituição infantil.

3.3- Infância e Políticas Públicas

Muitos acreditam que as crianças vão para a escola apenas para brincar e comer merenda. Para essas pessoas a criança não é vista como um ser produtor de cultura, mas apenas como reprodutor dela. A criança é vista como um brinquedo, que distrai o adulto com suas gracinhas.

De acordo com KRAMER (1985):

As crianças são seres sociais, tem história pertencem à classe social, estabelecem relações segundo seu contexto de origem, têm uma linguagem, ocupam espaço geográfico e são valorizadas de acordo com os padrões de seu contexto familiar e com a sua própria inserção nesse contexto. Elas são pessoas, enraizadas num todo social que as envolve e que nelas se imprime padrões de autoridade, linguagem e costumes. Essa visão de quem são as crianças - cidadão de pouca idade - sujeitos sociais e históricos, criadores de cultura - é condição para que se atue no sentido de favorecer seu crescimento e constituição, buscando alternativas para educação infantil que reconhecem o saber das crianças (adquirido no seu meio sociocultural de origem) e oferecem atividades significativas, onde adultos e crianças têm experiências culturais diversas em diferentes espaços de socialização.

Os primeiros anos de vida de uma criança na escola são importantes, por suas experiências e vivências, com ele próprio e com o outro, podendo influenciar em escolhas futuras, em seu processo de desenvolvimento, na sua formação humana e para trabalho. A

criança quando estimulada desde a pequena infância, desenvolve com mais habilidades suas funções cognitivas, motoras e emocionais. Para KRAMER (1985):

“A educação infantil tem papel social importante no desenvolvimento humano e social. A prioridade é escola fundamental, com acesso e permanência das crianças e aquisição dos conhecimentos, mas a luta pela escola fundamental não contraria a importância da educação infantil - primeira etapa da educação básica - para todos”

Vivemos um momento de retrocesso, de crises e cortes para todas as políticas públicas, e com a educação não seria diferente. Tivemos inúmeros avanços até aqui, mas por outro lado, muito se retrocedeu, seja por falta de verbas, falta de incentivo à cultura e a formação dos docentes, seja pela evasão escolar ou pela falta de estrutura familiar ou fome, a educação de uma forma geral está sucateada.

Nesse olhar atento para a educação infantil, e principalmente respeitando a infância, concordo que:

A educação da criança pequena, isto é, a Educação Infantil não é uma escola como as outras. A educação Infantil se caracteriza por um duplo compromisso: educar - que não é a mesma coisa que ensinar! e cuidar. O mais importante de tudo na Educação Infantil é a criança: ele é o centro, ele é a nossa razão de existir, e é nossa responsabilidade a segurança e o bem-estar físico e psíquico. (COLINVAUX 2011, p.13)

Por isso é importante garantir políticas públicas. Só assim, os direitos e deveres das crianças na educação serão garantidos. Dessa forma, acredito na importância da Educação Infantil como base da educação. Pela garantia de direitos e cumprimento de deveres. E cabe a nós, educadores, lutarmos por uma educação igualitária e justa, desde a Educação Infantil.

A criança de hoje é vista de forma muito diferente do que há muito tempo. Desde a idade média era vista como um ser nulo e que não necessitava de atenção. As primeiras instituições onde as crianças ficavam, tinham em sua maioria, caráter assistencialistas, para suprir as necessidades básicas de guardar e cuidar, e não existiam profissionais qualificados para que essa atividade fosse desenvolvida.

Bem elucidado por NUNES (2010):

O atendimento às crianças pobres teve como base o voluntariado e a precariedade de recursos. Assim se organizaram creches domiciliares, creches comunitárias, filantrópicas e até mesmo privadas com fins lucrativos. Muitas dessas instituições permanecem até hoje e são frutos de movimentos comunitários, de mulheres em Luta pelo Direito a um lugar Digno Para deixar os filhos durante a jornada de trabalho. Muitas surgiram nos anos da repressão política, no vácuo de uma ação governamental junto à população de baixa renda, ofereciam uma educação alternativa para as crianças sem a tutela de um estado autoritário.

Os tempos mudaram, e esses espaços também sofreram mudanças e alterações. Mas essas mudanças não foram o bastante para que todos se adequassem à legislação ou ao atendimento do seu público-alvo. Muitas instituições continuam não oferecendo uma educação de qualidade e não tem verba o suficiente para atender a todos.

Com o avanço da modernidade, essa situação começa a mudar, e a partir da Revolução Industrial são criadas as creches, por necessidade de a mulher ocupar um lugar no mercado de trabalho e com a pressão dos movimentos populares e sociais, havia necessidade deixar as crianças antes da “idade escolar” em algum lugar. De acordo com KULHMANN (1998):

(...)na quarta última parte dos anos 1900, a educação infantil brasileira vivia intensas transformações durante o regime militar, que tantos prejuízos trouxe para a sociedade e para a educação brasileiras, que se inicia esta nova fase, que terá seus marcos de consolidação nas definições da Constituição de 1988 e na tardia lei de diretrizes e bases da Educação Nacional de 1996. A legislação nacional passa a reconhecer que as creches e pré-escolas, para crianças de 0 a 6 anos são parte do sistema educacional primeira etapa da educação básica.

A creche ainda não era vista com caráter educacional, ao contrário da pré-escola, que já permeava o processo de política educacional brasileira, ainda que, sendo considerada como preparatório para o ensino fundamental.

Então, entre as décadas de 1970 e 1980, muitas mudanças aconteceram. Veremos abaixo uma breve Linha do Tempo desses acontecimentos:

- > em 1988, com a promulgação da constituição federal brasileira, no artigo 205 a educação passa a ser direito de todos e dever da família e do Estado;
- > em 1990, o ECA, capítulo IV, artigo 54 inciso 4º garante o atendimento em creches e pré-escolas de 0 a 6 anos de idade (em 2016 texto atualizado para de 0 a 5 anos de idade);

> em 1994, o Ministério da Educação elabora e público documento de Política Nacional de Educação infantil, estabelecendo metas, como a criação de vagas para crianças de 0 a 6 anos (atualizado em 2014 no novo Plano Nacional de Educação para de 0 a 3 anos em creches e de 4 a 5 anos em pré-escolar), o fortalecimento da concepção de educação, a melhoria na qualidade do atendimento e a qualificação do profissional com mínimo de escolaridade de nível médio, educação em tempo integral, fortalecimento da educação profissional técnica de nível médio, entre outras;

> em 1996, com a LDB, a educação infantil passa a ser considerada a primeira etapa da Educação Básica e a criança passa a ser vista como alguém capaz de criar e estabelecer relações;

> em 1998, o MEC cria o documento Subsídios para credenciamento e funcionamento das instituições de educação infantil, “integração de creches e pré-escolas aos sistemas de ensino se situa no âmbito de uma política educacional que não diz associa educação e cuidado. Conceber a educação infantil como direito público subjetivo do cidadão desde que nasce e como função do Estado, complementar à família” (texto do documento), garantindo a oferta de vagas e a qualidade de ensino para todos sem distinção;

> também 1998 elabora-se o referencial curricular para educação infantil, principal documento para elaboração e avaliação das propostas pedagógicas da educação infantil;

> em 2001, é aprovado o Plano Nacional de Educação, onde assegura-se a educação infantil como de responsabilidade das três esferas de governo (Municipal /Estadual /Federal) e da família, visando ser a educação tanto familiar / escolar complementares entre si.

> em 2006 a Emenda constitucional 53/2006 Altera a idade de 0 a 5 anos de idade para educação infantil delimitando assim esta fase da Educação, demarcando seu início e seu fim;

> em 2009 a Emenda constitucional 59/2009, determina a obrigatoriedade do ensino a todas as etapas da Educação Básica, a partir dos 4 anos de idade incluindo então a educação infantil;

> em 2010 o MEC fixa as diretrizes curriculares para Educação Infantil, define a educação infantil como primeira etapa da Educação Básica, a criança como sujeito histórico e de direitos, um currículo para promover o desenvolvimento integral da criança de 0 a 5 anos de idade e uma proposta pedagógica que define as metas que se pretende para a aprendizagem e desenvolvimento das crianças.

> em 2014 um novo Plano Nacional de Educação entra em vigor, e novas metas são colocadas, entre elas a universalização da educação infantil até 2016, para a pré-escola, crianças de 4 a 5 anos de idade e para a creche, crianças de 0 a 3 anos de idade.

Como observamos, a educação infantil tem uma história recente, apesar da educação existir há séculos, de diferentes formas, a educação está presente no dia a dia de cada um, a todo momento, como vimos em BRANDÃO:

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com educação.

Podemos perceber dessa forma, que a educação faz parte da vida cotidiana e acontece a todo momento e em qualquer lugar, além de ser passada de uma geração para outra.

E nessa perspectiva de se passar o que se sabe para o outro, nessa troca de experiências, surgem os educadores. Ainda segundo Brandão: “Este é o começo do momento em que a educação vira o ensino, que inventa a pedagogia, reduz a aldeia à escola e transforma “todos” no educador.”

A educação tem papel fundamental na formação do sujeito, ela nos mostra diferentes horizontes, nos faz exercer a nossa cidadania. Através da educação, o ser humano se desenvolve e desenvolve todo o seu entorno, e segundo SAVIANI (1993), pode ser um instrumento de discriminação ou equalização social, ou seja, estar ou não na escola faz a diferença:

(...)a causa da marginalidade é identificada com a ignorância. É marginalizado da nova sociedade quem não é esclarecido. A escola surge como um antídoto à ignorância, logo, um instrumento para equacionar o problema da marginalidade.

Daí, percebemos a importância da educação desde os mais novos. E é na educação infantil, que esse processo se inicia, a criança é um ser capaz de pensar e criar relações, e através dessas relações se transforma, pois não nasce pronto.

Uma das relações muito importante na educação hoje, é relação professor-aluno. Diferente de anos atrás (não que ainda não aconteça) onde o professor era autoritário e nada político em sala, hoje o professor pode e deve, desde a educação infantil mediar

relações e informações com seus alunos levando-os a serem mais críticos, a pensar e não a obedecer, e a se posicionarem na sociedade como sujeitos de direitos e deveres.

Nessa relação, que deve ser democrática, o aluno é cidadão e mostra sua importância na e para a sociedade, começando a exercer sua cidadania. A criança aprende isso muitas vezes só na escola, pois quando vive em uma comunidade de periferia e não tem na família suporte e apoio necessários, a escola é sua única chance. Ouvi recentemente do Prof. Miguel Arroyo a seguinte afirmação: “Acreditando que existem resistências, levar um filho a escola é um ato de luta, de sobrevivência”.

Segundo KULHMANN (1998):

As instituições de educação infantil tanto eram propostas como meio agregador da família para apaziguar os conflitos sociais, quanto eram vistas como meio de educação para uma sociedade igualitária, como instrumento para libertação da mulher do jugo das obrigações domésticas, como superação dos limites da estrutura familiar. As ideias socialistas e feministas, nesse caso, redirecionavam a questão do atendimento à pobreza para se pensar a educação da criança em equipamentos coletivos, como uma forma de se garantir às mães o direito ao trabalho. A luta pela pré-escola pública, democrática e popular se confunde com a luta pela transformação política e social mais ampla.

A educação é um direito de todos e ganhou mais destaque no século XX, mas para muitos, a educação infantil é muito desvalorizada, pois acreditam ainda ter um caráter apenas assistencialista, de cuidados.

4- DESAFIOS DO MUNDO NOVO: OS NATIVOS DIGITAIS

“Meus filhos terão computadores, sim, mas antes terão livros. Sem livros, sem leitura, os nossos filhos serão incapazes de escrever, inclusive a própria história.” (Bill Gates)

Os chamados “nativos digitais”, ou também “geração Y”, “geração internet”, são os nascidos depois dos anos 80, quando a tecnologia chegou ao mundo “online”. Esses nativos possuem habilidades para lidar com a modernidade digital, e vão se aprimorando e evoluindo muito rapidamente.

O grande desafio dessa geração, é conciliar suas habilidades digitais com os hábitos cotidianos, deixados de lado, mas que são muito importantes para o desenvolvimento do ser humano e para o convívio em sociedade. O cerne dessa pesquisa foi exatamente observar nas crianças hoje a habilidade que elas possuem com celulares e tablets, mas sem nenhuma habilidade para calçar um sapato, abotoar uma camisa ou usar um talher.

Além disso, as características das novas gerações, vão se sobrepondo umas sobre as outras, sendo que em muitos aspectos as novas gerações vão se superando em determinados pontos, como a facilidade em usar novos aparelhos tecnológicos, e em outros pontos vão apresentando maior dificuldade, como por exemplo não manter a atenção por muito tempo em alguma atividade.

Pelo fato de terem nascido na era tecnológica, possuem muitas habilidades para lidar com ela, porém são impacientes e querem resultados imediatos. Daí a importância de lidar com essa geração, que requer maior preparo, inclusive da escola, que acaba sendo muito desinteressante e desestimulante, por não ter os mesmos atrativos dos conteúdos eletrônicos.

4.1 – Empiria das relações, a criança entre o brincar e a tecnologia

Empiria “é tudo aquilo que deriva da experiência comum. É uma forma de conhecimento, derivado de experiências cotidianas, que provém de tentativas, erros e acertos.” (Dicionário informal)

O pai do empirismo britânico, Jonh Locke, nos permite fazer uma relação entre a educação e a empiria, baseada no pensamento educacional contemporâneo, das crianças do século XXI e o uso da tecnologia.

(...)observações que fazemos sobre os objectos exteriores e sensíveis ou sobre as operações internas da nossa mente, de que nos apercebemos e sobre as quais nós próprios reflectimos, que fornecem à nossa mente a matéria de todos os pensamentos. (LOCKE, 1999b, p. 106)

O empirismo é a ferramenta pela qual o homem testa suas ideias e experiências, separando-se da doutrina que busca o conhecimento da essência das coisas como sendo algo sobrenatural, a empiria está no fazer real. Segundo essa ideia, a criança através de seus atos e atitudes, desenvolve o seu processo de autoconhecimento e crescimento como sujeito.

E é através do brincar e das experiências na infância, que a criança cria laços com seus pares e no seu meio social, em casa, na escola, na igreja, formando assim a sua memória infantil, que ao crescer irá compor sua personalidade. A forma como a criança brinca, influencia muito o seu desenvolvimento afetivo, psíquico e social. É através do brincar que ela se reconhece como sujeito e conhece o mundo ao seu redor.

Um dos efeitos da superabundância dos acontecimentos e, mais em geral, do excesso de informação que nos ameaça em nosso presente pode ser o desnortamento. Para este contribui, também, a noção, insistentemente afirmada nessas últimas décadas, de que o mundo em que vivemos é a tal ponto distinto de tudo que o precedeu, além de transformar-se a um ritmo tão alucinante, que a História se teria tornado irrelevante. Isto traz o risco de uma espécie de amnésia coletiva, voluntária, o que não poderia deixar de assustar os historiadores. Paolo Rossi declarou, referindo-se ao surgimento da memória, entre muitos profissionais da História, como modismo ou como obsessão: "Bem sei que o interesse atual pela memória se deve ao medo que sentimos da amnésia, de nossa incapacidade de conectar de alguma maneira o passado e o presente.

A memória é fundamental para o desenvolvimento emocional, social e cognitivo, ela é o nosso banco de dados, numa linguagem mais atual, o nosso arquivo de pensamentos, ideias, sentimentos e desejos, que através de reações nos permite aprender. Além disso, a memória tem uma função muito importante no desenvolvimento cognitivo.

Acreditava-se que as crianças menores de 3 anos não se recordavam de suas memórias, por não a verbalizarem, mas hoje sabemos que isso não é verdade, crianças trazem sim memórias anteriores. Estudos comportamentais mostram que através de imitação e gestos repetitivos, elas demonstram que se recordam de suas memórias.

A capacidade de criar a memória e relembrá-la é uma experiência humana, que através do desenvolvimento de determinadas atitudes, são ativadas. Mas essa nova geração Y, que não precisa pensar, que tem todo tipo de informação em tempo real, pois basta clicar em determinado aparelho digital, que fatos da história de séculos passados chegam até eles sem o menor esforço ou trabalho.

Um dos desafios desse “mundo novo”, cheio de tecnologias e aparelhos digitais e tecnológicos, questão dessa pesquisa, é a ausência do brincar, com brinquedos feitos de madeira, pano, plástico ou qualquer outro material que não o tecnológico, e o excesso do uso de aparelhos digitais. As crianças da modernidade digital não brincam como seus pais ou avós brincavam quando tinham a mesma idade, muitas delas nem conhecem a maioria das brincadeiras, que muitas escolas vêm tentando resgatar.

Para Vygotsky,

Assim, ao estabelecer critérios para distinguir o brincar da criança de outras formas de atividade, ⁶³ concluímos que no brinquedo a criança cria uma situação imaginária. Esta não é uma ideia nova, na medida em que situações imaginárias no brinquedo sempre foram reconhecidas; no entanto, sempre foram vistas somente como um tipo de brincadeira. A situação imaginária não era considerada como uma característica definidora do brinquedo em geral, mas era tratada como um atributo de subcategorias específicas do brinquedo. (1991, p.61-62)

Através do brincar a criança desenvolve relações afetivas com o outro, aprimorando suas experiências interpessoais, dando sentido a sua identidade. Nessas relações as crianças criam memórias que serão essenciais para seu amadurecimento e futuras relações. No brincar a criança sensações, insatisfações, gera expectativas, sofre frustrações, aprende a lidar com a sua rotina, pois a reflete em suas brincadeiras.

Mas com a chegada da era digital, as brincadeiras de rua, de pique, de corda, jogos em equipe entre outros, foram deixados de lado e dando espaço aos jogos virtuais, aos vídeos, e músicas, que geram um novo tipo de experiência nas relações das crianças com o outro e consigo mesma.

Na era digital a criança “brinca” com ela mesma, sozinha, quando muito, jogam com parceiros virtuais, com jogos super-hiper coloridos, velozes e sonoros, muito mais atrativos do que um brinquedo de madeira por exemplo.

4.2- Tecnologia na infância: é possível impor limites?

É possível limitar o uso da tecnologia na infância? Essa é uma pergunta que muitos pais e educadores gostariam de responder. A geração dos anos 80, 90, que nasceu dentro do mundo da tecnologia, cresceram vendo a evolução da internet discada, muito lenta e que criava grande congestionamento no uso dos serviços a preços elevados, até os dias atuais, com a internet via wi-fi, de velocidade instantânea.

As crianças de hoje, século XXI, quando nascem, já são expostas às novas tecnologias por seus próprios pais, que colocam suas fotos no momento de seu nascimento nas redes sociais. A cada passo, palavra ou atitude “bonitinha”, os pais estão a postos com seus celulares de última geração, registrando e eternizando na nuvem (espaço de armazenamento de arquivos da internet online), os momentos de seus filhos com fotos e vídeos. A criança vai para a escola, festas ou nataçãõ, e lá está a mãe ou o pai, clicando ou fazendo uma selfie para mostrar ao mundo seu filho.

E assim a criança vai crescendo, com seus exemplos, porque a criança precisa de exemplos para desenvolver a sua personalidade. E é através desses exemplos que ela experimenta o mundo, brincando de casinha, quando imita a mãe cozinhando ou cuidando dos filhos e quando imita o pai trabalhando. Mas se os pais de hoje, quando estão em casa, passam a maior parte do tempo com o celular não mão, qual exemplo essa criança terá?

Segundo Vygotsky, “O aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer. (p.101, 1991)”

O exemplo é a melhor forma de educar uma criança, de dar limites, pois produz nela o senso crítico, a construção dos valores, que devem partir da família, o primeiro meio social ao qual ela faz parte. Crianças pequenas principalmente precisam de exemplos, pois não possuem ainda maturidade para entender conceitos teóricos de certo ou errado, ética, educação, solidariedade, entre outros. Mas se veem seus pais ou seus responsáveis praticando, ela aprende.

Uma frase que muitos pais falam para seus filhos ainda quando são crianças, “Faça o que eu digo, não faça o que eu faço”, praticam exatamente o inverso dos valores e exemplos que as crianças devem ter. Se a criança vê os pais mentindo, vão achar que é certo e vão mentir. Na infância, os pais são considerados heróis, daí a importância de pensar qual mundo vamos deixar para nossos filhos. Nessa perspectiva, a família deve estar junto à escola, numa parceria, pois o exemplo é uma via de mão dupla, onde os exemplos são introduzidos e praticados.

Atualmente, na correria do dia-a-dia, os pais precisam trabalhar cada vez mais, para dar mais aos filhos. Não sobra “tempo” para brincar e dar mais atenção, pois além do trabalho fora de casa, com a tecnologia, agora os pais têm também trabalho dentro de casa, assim, para que a criança fique quieta, colocam-na na frente da TV ou computador para se distrair, vendo desenhos “educativos”.

Quem nunca viu essa cena?... Um restaurante, os pais sentados um de frente para o outro, cada um com seu celular na mão, poucas palavras entre si, a mãe entre uma teclada e outra coloca uma colher de comida na boca do filho, que assiste desenho no tablet? Essa é uma cena muito corriqueira ultimamente. A criança sabe mexer no tablet com muita habilidade, mas será que sabe colocar seu sapato sozinha?

São essas e outras perguntas que nos fazemos a todos os momentos, diante dessa geração virtual. O quanto essas crianças estão sendo expostas a tecnologia e aparelhos digitais e não estão desenvolvendo habilidades cotidianas para sua idade, como amarrar seu sapato, guardar seus brinquedos, segurar o talher para comer sozinha?

O uso da tecnologia vem tomando espaço da brincadeira na infância, e os aparelhos digitais vão se tornando o brinquedo da criança. Isso se deve também ao fato de muitos pais acharem que ao usarem aparelhos digitais e a tecnologia mais cedo, a todo tempo, seus filhos se tornarão muito mais bem informados e serão menos excluídos. Um grande engano, pois o uso precoce e em excesso fará exatamente o contrário, muitas crianças que usam o celular muito cedo, preferem não ler livros para jogar.

O que faz uma criança ser mais ou menos bem informada é a leitura, é o convívio com o outro. O uso da tecnologia ainda na infância, vem transformando as crianças em seres mais egocêntricos, mais fechados em seu próprio mundo, se afastando do círculo de amigos. Muitos pais se preocupam com comportamentos reclusos de seus filhos, da dificuldade na alimentação, na comunicação dentro de casa, ou na falta dela, mas não estão sabendo mais como lidar com essa situação.

Como já comprovado por diversas pesquisas na área da saúde, o uso em excesso de aparelhos digitais na infância pode causar déficit de atenção, atrasos cognitivos, falta de interesse, obesidade infantil, depressão, dependência química e até mesmo suicídio, segundo a Sociedade Brasileira de Pediatria e outras academias internacionais. Sem contar a superexposição, que deve ser dosada, a cada idade, dentro de um limite que não cause dependência.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não se pode negar que a tecnologia chegou para ficar, alterando a vida do homem em todos os sentidos, tanto na vida pessoal, como no trabalho, estudo e também no comportamento em sociedade. As relações são muito diferentes, e continuam em constante evolução.

A geração Y, os nativos digitais, não fazem ideia de como eram as brincadeiras na infância de seus pais ou avós, que brincavam na rua sem medo, que usavam latas para fazer uma baliza no futebol, que pulavam amarelinha ou faziam saquinhos de pano com arroz para jogar 5 marias, pulavam elástico e brincavam de salada mista. São brincadeiras esquecidas com o tempo, trocadas pela TV, pelos aparelhos digitais e computadores.

Quando vejo meus alunos usando aparelhos digitais para “brincar”, mais percebo a importância do papel da educação nesse processo, e me recordo da minha infância com grande saudosismo, pois quando eu era criança, minhas redes sociais eram a rua, o quintal e as brincadeiras no recreio da escola. Tive uma infância feliz, até quando minha mãe não me deixava brincar na rua, por não ter feito a tarefa de casa.

Hoje percebo que as crianças estão trancadas em casa, pela conturbada agitação da vida urbana, e acabam se isolando em seu mundo virtual ou são cobertas por excessos de “oportunidades” e estímulos dados pelos pais. O planeta vem sofrendo muitas mudanças, assim como toda a população. Não é preciso dizer o quanto o ser humano hoje é mais evoluído em todos os sentidos, e essa evolução influencia as relações desde a infância até a idade adulta.

Essa evolução tornou o mundo mais competitivo, ocasionando o excesso de estímulos expostos as nossas crianças, seja através da TV ou das redes sociais. Esse excesso de estímulos colocou de lado a mais importante ferramenta para o desenvolvimento infantil, o brincar. Muitas pesquisas apontam a importância do brincar e o prejuízo que o uso indiscriminado das tecnologias e mídias digitais podem causar na infância. Crianças devem brincar ao ar livre, se sujar de terra, brincar com água, cair no chão e aprender a levantar.

Relembrando, que através do brincar a criança (re)cria situações do seu cotidiano e desenvolve a capacidade de abstração. Ela aprende a lidar com a disputa e a frustração, reforça suas afinidades com seus pares e experimenta diversas emoções. Deter o avanço

da tecnologia na infância, não será uma tarefa fácil, pois ela veio para ficar, por outro lado, não podemos negar que ela facilitou em muitos aspectos o dia-a-dia do homem, encurtando distâncias, trazendo informações em tempo real e possibilitando executar tarefas mais rapidamente.

Acredito ser importante que a tecnologia seja usada a favor do desenvolvimento humano, gerando pesquisas na área da saúde, educação, meio ambiente, segurança, entre outras. Mas que tal uso seja feito de forma adequada, sem que se perca a essência do ser humano, o convívio com o outro, e não se perca a humanização em diversos setores da vida humana. Há que se refletir, como dosar seu uso na infância, para que não se tenham prejuízos na adolescência e vida adulta.

6- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?: ensaios sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. São Paulo: Cortez EdUnicamp, 1995.

AURÉLIO, Buarque de Holanda F. **Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 2ª. Ed. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1988.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 19ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**, 1988.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, DOU de 16/7/1990.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB**. Lei nº 9.294, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 de dezembro de 1996.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Educação Básica. **Política Nacional de Educação Infantil: pelo direito das crianças de zero a seis anos à educação**. Brasília: MEC SEB, 2005.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação**. Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, 1997.

BONAFÉ, J. Martínez. **Aprender el ofício docente**. In RÉREZ GÓMES, A. Aprender a enseñar en la práctica: procesos de innovación y práctica de formación en la educ. secundaria. Barcelona, graó. 1996.

CALINVAUX, D. (org.) (2011). **Cadernos Creche UFF: Textos de Formação e prática**. Niterói: Ed. da UFF.

CANDIDO, Antonio. (1988) **O direito à literatura**. In: **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Um historiador fala de teoria e metodologia: ensaios**. Coleção História. Bauru, SP: Edusc, 2005. 284p.

CASTELLS, Manoel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da Internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

EVANGELISTA, Ana Paula. Seremos líderes ou escravos da indústria 4.0? **Revista Poli**, Ano X, nº 58, julho/agosto, 2018. Disponível em: <<http://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/poli58.pdf>> Acesso em 14/12/2018.

FINCO, Daniela. BARBOSA, M.C.S. FARIA, A.L.G. **Campos de experiências na escola da infância: contribuições Italianas para inventar um currículo de educação brasileiro**. Edições Leitura Crítica. Campinas, SP. 2015.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Ed. Vozes, 1999.

GUARESCHI, Pedrinho A. BIZ, Oswaldo. **Mídia, educação e cidadania: tudo o que você deve saber sobre mídia.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

IANNI, Octavio. **A era do globalismo.** 8ª. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. 256p.

IBGE– INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Desemprego volta a crescer no primeiro trimestre de 2018.** Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br>> Acesso em: 14/12/2018.

INFORMAL, Dicionário de Português gratuito para internet. 2006. Disponível em <<http://www.dicionarioinformal.com.br>> Acesso em Maio, 2019.

KRAMER, Sônia. **O papel social da educação infantil.** Cad. Pesq., São Paulo (58): 77-81, agosto 85.

KULHMANN, Moysés Jr. Histórias da educação infantil brasileira. Fundação Carlos Chagas, São Paulo. Disponível em < www.scielo.br/pdf/rbedu/n14/n14a02 > Acesso em 05/08/2018.

LOCKE, John. Ensaio sobre o entendimento humano. vol.1. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999b.

MACEDO, Caio Sperandéo. **Sociedade em rede e cidadania.** Disponível em <http://www.ambito-juridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=1385>. Acesso em 01/06/2019.

MARX, Karl. **O Capital. Crítica da economia política.** Livro I. Ed. Boitempo. São Paulo, 2013.

MIRANDA, Kênia. Lutas por educação no Brasil recente. Niterói, EDUFF, 2017.

NUNES, Maria Fernanda Rezende. CORSINO Patrícia. **Políticas Públicas Universalistas e Residuais: os desafios da Educação Infantil.** GT07, Caxambu, MG, 2010.

PALFREY, John. **Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de nascidos digitais.** Tradução: Magda França Lopes. Porto Alegre: Grupo A, 2011.

SAVIANI, Demerval. **Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política.** 32ª.edição-Campinas, SP: Autores Associados, 1999. – (Coleção polêmicas do nosso tempo; v.5).

SAWYER, R. Keith. **The creative power of collaboration.** Group genius, Nova York, Basic Books. 2007.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. **Manual de Orientação.** Departamento de Adolescência. 2016. Nº1. 1-13.

SILVEIRA, Zuleide Simas da. **Concepções de educação tecnológica na reforma da educação superior: finalidades, continuidades e rupturas (1995-2010) – estudo comparado Brasil e Portugal.** 2011. 445 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2011.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

XAVIER, Gelta Terezinha Ramos. **Políticas de currículo (de formação e trabalho) e as críticas aos estudos culturais**. 6º Colóquio Internacional. IFCH, 2009. Unicamp, SP.